

A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO COMO CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR AUTÔNOMO

Fernanda Cristina Ribeiro Faria (discente do programa de Mestrado em Educação/ UNESP – Presidente Prudente – e-mail: fernanda@cirandadosaber.com.br)

Dr^a Ana Maria da Costa Santos Menin (docente do Departamento de Educação/ UNESP – Presidente Prudente – e-mail: anamenin@fct.unesp.br)

Programa de Pós-graduação – Linha de Pesquisa: Práticas Educativas e Formação de Professores. – UNESP – FCT – Presidente Prudente

Agência financiadora: Capes

Eixo temático: Materiais Pedagógicos no Ensino e na Formação de Professores

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto da pesquisa em andamento “Reflexões sobre as relações que os leitores estabelecem com o livro de literatura infantil”. A investigação é financiada pela Capes e está vinculada à linha de pesquisa Práticas Educativas e Formação de Professores do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP - Presidente Prudente.

O objetivo central do estudo foi o de investigar uma prática pedagógica que foi norteadada pelos conceitos da Estética da Recepção propostos pelo teórico alemão Hans Robert Jauss. A prática foi realizada em três quartas séries de três escolas municipais de Presidente Prudente e os dados provenientes do estudo foram coletados durante o segundo semestre de 2008.

Com a pesquisa foi possível compreender as diferenças e semelhanças manifestadas pelas crianças durante a recepção de uma obra literária, e ainda identificar os prováveis motivos que levam uma criança a rejeitar ou aceitar uma determinada obra.

Para seu desenvolvimento optamos por adotar como metodologia o estudo de caso, dada a natureza da investigação que busca compreender a

recepção literária como prática pedagógica. O estudo de caso nos permitiu perceber um maior número de características pertinentes à investigação, as quais não poderiam ser notadas caso aumentássemos a amostra.

A escolha desta temática é fundamentada em dois pressupostos, o primeiro é que a leitura possui fundamental importância sócio-cultural, atuando direta e indiretamente na educação e formação do cidadão crítico, afinal a "...leitura [...] permite conhecer o mundo" (Scholze, 2004 p.7) "...possibilitando-lhe [ao leitor] agir no mundo e não ser apenas um receptor de sentidos estereotipados" (ROMÃO, 2006, p.10, [acréscimo nosso]), e o segundo é que a leitura na instituição escolar, principalmente do gênero literário, está em crise.

1. A situação da leitura nas escolas brasileiras

Atualmente, são preocupantes os resultados obtidos nas provas¹ que visam a avaliar a qualidade do ensino brasileiro sobre a capacidade leitora dos estudantes.

Na avaliação feita pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica - SAEB, por exemplo, aplicada a alunos de 4ª e 8ª séries do ensino fundamental e 3ª série do ensino médio com o intuito de verificar o desempenho desses alunos em determinadas competências, os resultados têm sido insatisfatórios, como mostram os resultados da avaliação de 2003. Pouco mais de 95% dos alunos das 4ªs séries do ensino básico apresentam níveis de leitura entre intermediário, crítico ou muito crítico contra aproximadamente 5% que apresentam nível adequado (Mec/Inep, 2006).

No mesmo ano foi realizada uma prova do Programa Internacional de Avaliação dos Alunos - PISA, cujo objetivo é aferir o aprendizado de alunos com quinze anos de idade que estejam cursando alguma série do ensino fundamental ou médio, e num total de 32 países os estudantes brasileiros obtiveram a última colocação. (Mec/Inep, 2006).

O desempenho insatisfatório de alunos do ensino básico ocorreu

¹ Em nível estadual (Sistema de Avaliação do Estado de São Paulo - SARESP), nacional (Sistema de Avaliação da Educação Básica - SAEB, Prova Brasil, Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM) ou internacional (Programa Internacional de Avaliação de Alunos - PISA).

novamente na Prova Brasil realizada pela primeira vez no ano de 2005. Alunos de 4ª série apresentaram média igual a 172,09 pontos na prova de Língua Portuguesa, sendo que a mesma somava um valor total de 350 pontos. (Mec/Inep, 2006)

No Exame Nacional do Ensino Médio - Enem (2003), exame de caráter voluntário realizado com estudantes que finalizaram ou estão finalizando o ensino médio, a parte objetiva e a redação tinham igualmente o valor de 100 pontos cada, sendo que as médias atingidas foram 50 e 55,36 pontos, respectivamente.

Além disso, a Pesquisa Nacional conduzida pelo Instituto Paulo Montenegro mostra que 74% dos brasileiros são analfabetos funcionais, ou seja, não conseguem ler nada mais complexo que um bilhete.

Bencine (2006) afirma que nas provas que avaliam o ensino os alunos não conseguem atingir os objetivos educacionais propostos para sua idade. Assim, o desempenho do aluno de 4ª é o esperado para um aluno de 1ª, assim como os de 8ª não conseguem atingir conteúdos previstos para os de 4ª.

Essas avaliações confirmam que as falhas na competência leitora existem desde as séries iniciais, indicando que os problemas continuam nas séries subseqüentes, dificultando o ensino de literatura e das demais disciplinas, “[...] considerando que a competência em leitura traz reflexos imediatos na assimilação do conhecimento ministrado no ambiente escolar, somos obrigados a admitir que a escolarização fica comprometida.” (SCHOLZE, 2004, p 8)

Portanto, os alunos não estão aprendendo as competências básicas fundamentais as quais fornecer-lhes-iam condições para competir no mercado de trabalho, de prosseguirem seus estudos e principalmente de agirem efetivamente em sociedade, afinal, a educação é essencial para a redução das desigualdades as quais podem estar expostos.

Vale ressaltar que a difusão da leitura e, conseqüentemente, da literatura ficou exclusivamente ao encargo da escola, sob o argumento de que se trata do local onde se aprende a ler e a escrever sendo,

supostamente, a principal responsável pela transmissão de conhecimento.

Assim, fica claro que a escola, por ser estruturada com vistas à alfabetização e tendo um caráter formativo, constitui-se num ambiente privilegiado para a formação do leitor. Outros ambientes capazes de auxiliar nessa tarefa, como o familiar, podem, eventualmente, não estar direcionados nesse sentido. Já a escola, mesmo com suas limitações, mantém-se como espaço reservado à iniciação da leitura. (SOUZA, 2004, p. 63)

No entanto, o que se tem visto com frequência nas escolas, no que diz respeito ao ensino da leitura e da literatura, são: (1) a utilização indiscriminada de fragmentos de textos do livro didático; (2) o uso freqüente de gêneros textuais curtos; (3) a imprópria escolarização do texto e o; e (4) o emprego de uma literatura dita utilitária. Por conta desta prática a escola tem formado crianças avessas à leitura, se conseguir algum progresso forma leitores “preguiçosos” acostumados a leituras fáceis e curtas.

Santos e Souza (2004) afirmam que o uso indiscriminado do livro didático e paradidático para o ensino de leitura em detrimento dos livros de literatura é a mazela no ensino desta competência. Esta atitude de certa forma caracteriza o despreparo metodológico e teórico dos docentes que se ocupam do ensino de Língua Portuguesa.

Todos esses fatores recorrentes nas instituições educacionais têm contribuído para o afastamento do leitor em potencial que elas estão tentando formar.

As discussões sobre o ensino da leitura permitem várias vertentes de estudos tornando a temática um campo vasto a ser investigado e debatido. Assim, observando a linha de pesquisa a qual estamos vinculadas optamos por focar as práticas pedagógicas relacionadas ao ensino da literatura, afinal

[...] o comprometimento do processo de formação de leitores e as dificuldades gerais de construção da escrita espelham, de alguma forma, as falhas educacionais no país, incluindo-se, entre elas, o despreparo teórico do professor da educação fundamental, no que se refere, sobretudo, à metodologia de ensino de textos (TREVIZAN, 1998, p.35).

Atualmente, as escolas brasileiras, particularmente, as do ensino básico, vivenciam grande dificuldade para letrar seus alunos, deixando de cumprir um importante papel que garantiria condições básicas para que os mesmos pudessem se desenvolver intelectualmente e agregar

conhecimentos nas séries subsequentes.

Numa cultura ágrafa, essas preocupações não teriam tanto sentido, mas nossas crianças, especialmente as oriundas de classes mais baixas, estão inseridas em uma sociedade letrada que, além das desigualdades e injustiças a que as submete, discrimina quem não é alfabetizado, considerando-o inferior. Portanto, apropriar-se da linguagem escrita pode oferecer futuramente a essas crianças maiores possibilidades de inserção social e conquista de autonomia. (SIMÕES, 2000, p.2)

Para além destes aspectos, como bem sabemos o Brasil não é tido como um país cuja população tenha hábitos leitores arraigados. Apesar dos investimentos das políticas públicas voltadas para a leitura ainda nos deparamos com um fato evidente e preocupante de que os alunos leem cada vez menos. Constata-se assim, a importância da escola na tentativa de desenvolver hábitos leitores em seus alunos.

2. A estética-recepcional como âncora para o ensino de literatura infantil

Considerando o papel que a escola exerce para o desenvolvimento da capacidade leitora dos alunos, percebemos ser fundamental investigar como uma prática pedagógica fundamentada na recepção literária pode contribuir para o ensino da literatura e a compreensão que os alunos fazem do texto, afinal o processo de recepção exige do leitor interação ativa e criativa com a obra, havendo, portanto, uma ação dialógica do leitor com o texto que permitiria, segundo Coelho

[...] estimular o ser em sua globalidade (emoções, intelecto, imaginário, etc) e pode levá-lo da informação imediata (através da “história”, “situação” ou “conflito”...) à formação interior a curto, médio ou longo prazo (pela fruição das emoções e gradativa conscientização dos valores e desvalores que se defrontam no convívio social). (COELHO, 2004, p.18)

Apesar de ser evidente a contribuição da estética da recepção para o melhor e mais profundo entendimento do texto, de modo geral os professores não a conhecem e, portanto, não tem como fazer uso de seus pressupostos para garantir uma leitura significativa do texto. O “olhar” que o leitor tem sobre a obra ainda não se constitui aspecto relevante para ser tratado em sala de aula. O que ocorre frequentemente é a sugestão de uma leitura pronta desmotivando o potencial do leitor que está em formação.

A avaliação da recepção literária é uma inovação que vem se

contrapor ao sistema de ensino em curso em grande parte das escolas brasileira.

Por meio desse estudo, poderemos investigar as contribuições deste método para o processo ensino-aprendizagem da leitura e, principalmente, da literatura.

A vantagem da utilização da literatura reside no fato de que o livro estético proporciona o lúdico, é prazeroso além de ser um importante instrumento no ensino da leitura. “Na experiência estética, o sujeito tem a possibilidade de se afastar de si, de seus hábitos e valores cotidianos, para se experimentar na alteridade da obra.” (LIMA, 1979, p.22)

A decisão pelo clássico literário consiste no fato de que este tipo de obra eleva a imaginação, a criatividade e o fascínio, além de transmitir à criança importantes valores sociais e ainda contribuir para seu interesse pela leitura. Além disso, permite que a criança extravase suas angústias e ansiedades, levando-a a compreender e, possivelmente, superar as dificuldades de seu cotidiano, transferindo seus dramas para as personagens. Outro benefício notado é a ampliação do repertório de conhecimentos sobre o mundo.

Machado complementa,

Se o leitor travar conhecimento com um bom número de narrativas clássicas desde pequeno, esses eventuais encontros com os nossos mestres da língua portuguesa terão boas probabilidades de vir acontecer quase naturalmente depois, no final da adolescência. (MACHADO, 2002, p. 13)

Assim, para o desenvolvimento da prática pedagógica escolhemos utilizar o clássico literário a obra *A pequena vendedora de fósforos* (1845) de H. C. Andersen, pois os clássicos são considerados obras atemporais, que fornecem entretenimento, estimulam o desenvolvimento sensorial, privilegiam a descoberta das emoções, estimulam o cognitivo e propiciam a ampliação da bagagem cultural ou, como diria Roger Chartier (1996) da biblioteca vivida do aluno.

A escolha do livro se justificou por ser obra de um escritor reconhecido internacionalmente pela qualidade de suas obras e principalmente por se tratar de um clássico literário que aborda temáticas

como diferenças sócio-culturais, miséria e o individualismo sempre presentes na sociedade, particularmente a brasileira.

Além disso, "...a imersão em histórias passadas, no cotidiano costuma modificar o jovem leitor no sentido de olhar de modo diferente para o ambiente em que vive, a realidade que o cerca." (MACHADO, 2002, p.110), a autora ainda salienta que as obras clássicas devem ser conhecidas e inseridas num contexto que venha a contribuir para a formação afetiva e cultural das crianças.

Calvino (2002) ressalta que os clássicos são inesquecíveis ficando presentes na memória dos jovens e que na idade madura essas obras podem ser revisitadas.

Ler os clássicos é sempre uma descoberta, mesmo a leitura da mesma obra pode fornecer um repertório novo. Assim, a cada leitura feita há a atualização da obra de acordo com as experiências adquiridas de outras obras.

3. Trajetória metodológica da pesquisa

A pesquisa em questão tem um caráter predominantemente qualitativo seguindo um delineamento metodológico descritivo-explicativo, por que pretendemos descrever de que forma a prática pedagógica fundamenta na Estética da Recepção pôde auxiliar no ensino de literatura, bem como na compreensão que o leitor faz do texto. Além de detalhar os percursos teóricos e metodológicos utilizados para o desenvolvimento da prática pedagógica a ser testada.

Ainda, a partir desta pesquisa pretendemos cotejar como a Estética da Recepção, proposta por Jauss (1994), pode contribuir com formação do leitor autônomo, crítico-reflexivo e com o ensino da leitura utilizando, para isto, textos literários, neste caso específico o clássico da literatura infantil *A pequena vendedora de fósforo* (1845) escrito por Andersen. Esperamos ainda, com a finalização da pesquisa, poder comparar as experiências leitoras e a recepção literária do conto entre os alunos.

Para o desenvolvimento da pesquisa selecionamos três escolas de Presidente Prudente.

As escolas foram escolhidas a partir da análise documental dos mapas de exclusão social e escolar fornecidos pelo Centro de Estudos e Mapeamento da Exclusão Social para Políticas Públicas - CEMESPP da UNESP de Presidente Prudente. Ficou decidido que trabalharíamos com três grupos de alunos provenientes de três escolas municipais, uma da região central que está fora da área de exclusão social e escolar, uma da área intermediária e outra pertencente à área de exclusão. Isto porque nossa hipótese apóia-se no fato de que fatores socioeconômicos determinam uma maior aproximação ou rejeição à leitura literária.

Quanto à escolha da série, optamos pela 4ª série inicial pois segundo Cleary (apud Bamberger, 1987) o maior interesse pela leitura ocorre por volta dos oito e treze anos, Souza vai além "...se a escola conseguir despertar na criança o interesse pela leitura, o gosto terá que ser cultivado nas fases posteriores do desenvolvimento." (SOUZA, 2004, p. 64, grifo nosso)

Para determinar de que forma o fator social e cultural interfere e dificulta o acesso à leitura, optamos pela aplicação de um questionário semi-estruturado que visou detectar as condições sócio-econômicas dos inquiridos. Com este questionário será possível relacionar a frequência leitora à condição socioeconômica do aluno.

Para a escolha do conto *A pequena vendedora de fósforos* (1845) atentamos, como o observado por Bordini e Aguiar (1993), para um tema que atendesse e também pudesse romper com os horizontes de expectativas do leitor.

De acordo com o Método Recepcional sugerido por Bordini e Aguiar (1993), deve-se determinar o *horizonte de expectativa* dos alunos como forma de identificar os valores que possuem e suas preferências. Para alcançar esse objetivo realizamos uma pesquisa de campo, com a intenção de compreender o lócus a ser pesquisado, para isso, foram realizadas observações do comportamento dos alunos em seu ambiente escolar, bem como, conversas informais.

No que se refere ao conhecimento sobre a recepção literária, aplicamos mais dois questionários semi-estruturados, um antes da leitura do livro com o objetivo de captar as impressões iniciais do material e outro

após a leitura para identificar se estas impressões seriam alteradas após a leitura do mesmo.

Para permitir uma maior fidelidade durante a coleta de dados em relação à resposta dos inquiridos acerca do material lido lançamos mão do instrumento denominado grupo de discussão.

Ainda, a utilização do grupo de discussão como prática pedagógica permite verificar a experiência e a forma da recepção literária de um número maior de indivíduos, que poderiam ficar inibidos e não terem a oportunidade de participar. A técnica se mostrou facilitadora no desenvolvimento dos alunos ao criarem o próprio discurso, além de nos possibilitar verificar suas reações perante a prática adotada.

Para a sua realização utilizamos um roteiro de questões baseado no livro *A pequena vendedora de fósforo* (1845).

Durante a discussão os alunos puderam interagir confrontando idéias, expondo suas impressões, expectativas e frustrações acerca do livro lido. A técnica possibilitou, ainda, identificar as impressões pessoais e coletivas acerca do livro, permitindo a interação entre os integrantes do grupo e estimulando a participação dos leitores em questão.

Por fim, lançamos mão de mais duas técnicas utilizadas no ensino de literatura, a leitura oral de uma segunda versão do conto esta mais completa, detalhada e ricamente ilustrada e a apresentação de um curta metragem, com o mesmo título da obra de Andersen, produzido pela Disney.

Por meio desta técnica foi possível levar os alunos a perceberem as diferenças e semelhanças dos textos, além de permitir verificar a atenção que dedicaram à leitura individual.

A obtenção e a análise dos dados compreenderam a apreciação documental dos mapas de exclusão social e exclusão escolar; interpretação e inferências a partir das observações realizadas e das conversas informais; tabulação dos dados socioeconômicos; e o exame dos questionários sobre a recepção literária e das respostas obtidas a partir do grupo de discussão.

Para a tabulação e tratamento de dados optamos pela utilização do

software *Sphinx*², por que ele nos permitir coletar os dados de forma simples e identificar facilmente as correlações existentes entre as categorias de respostas.

Já para as transcrições dos dados de natureza qualitativa optamos pela análise de conteúdo por entender que a grande complexidade de sua manifestação

[...] envolve a interação entre interlocutor e locutor, o contexto social de sua produção, a influência manipuladora, ideológica e idealizada presentes em muitas mensagens, os impactos que provocam, os efeitos que orientam diferentes comportamentos e ações e as condições históricas, sociais, mutáveis que influenciam crenças, conceitos e representações sociais elaboradas e transmitidas via mensagens, discursos e enunciados.” (FRANCO, 2005, p.11-12)

E ainda,

A Análise de Conteúdo pode ser uma boa técnica para ser usada em todos os tipos de pesquisa que possam ser documentas em textos escritos (documentos oficiais, livros, jornais, documentos pessoais), em gravação de voz ou imagem (rádio, televisão, etc), ou em outras atividades que possam ser decompostas como uma entrevista, por exemplo. (FREITAS; JANISSEK, 2000, p. 61)

Por meio da análise de conteúdo será possível realizar o estudo do discurso dos alunos participantes, possibilitando a compreensão das mensagens subliminares. A partir das inferências e dos indicadores será possível “...tirar conclusões, obter novas informações ou complementar conhecimentos através do exame detalhado de dados.” (FREITAS; JANISSEK, 2000, p.40(b))

O conjunto de dados permitiu identificar se a prática pedagógica proposta auxiliou no ensino da literatura e possibilitou uma melhor compreensão do texto literário. Não menos importante foi identificar de que forma ocorreu a recepção literária dos alunos perante o livro apresentado.

4. Considerações parciais

² Software de origem francesa frequentemente utilizado em pesquisas. Ele possibilita a coleta, o tratamento e análise dos dados quantitativos e qualitativos. O software ainda tem recursos como testes estatísticos e análise de conteúdo, facilitando o tratamento dos dados quali quantitativos.

Até o presente momento pudemos aferir que das três escolas pesquisadas, em apenas uma houve adesão total dos alunos, ao passo que nas outras duas escolas em média 26% decidiram participar e aderiram à proposta metodológica para o desenvolvimento das atividades.

Partindo de nossas observações no lócus pesquisado, supomos que a atitude de recusa dos alunos pôde ter ocorrido devido à utilização de práticas pedagógicas equivocadas manifestadas pelos professores que lecionam nestas salas.

Ainda assim, terminado o grupo de discussão os alunos participantes afirmaram que a metodologia foi facilitadora para a compreensão e entendimento do livro.

Boa parte dos alunos, por não estar familiarizada com este tipo de atividade, demonstrou dificuldade para compreendê-la tendo, provavelmente, sido desmotivados para participarem mais efetivamente.

Percebemos que a utilização da estética da recepção para o ensino e literatura se mostrou uma prática profícua. Dos alunos participantes foi unânime a preferência por esta prática.

Ao finalizarmos a pesquisa será possível descrever como ocorreu a recepção do clássico literário, fornecendo subsídios para uma escolha consciente e adequada do livro literário para um determinado grupo de leitores. E ainda, contribuir com ou para a fundamentação teórica e pedagógica, do professor, antes, durante e depois da utilização da obra literária nas atividades em sala de aula.

Os dados ainda são preliminares impossibilitando-nos de fornecer resultados conclusivos. Causou-nos preocupação, no entanto, em duas das escolas lócus de nossa pesquisa, a observação de uma prática pedagógica carente de sistematização e de conhecimento sobre o ensino da leitura e o uso da literatura infantil. Ficando difícil formar o leitor sem a contribuição valiosa da leitura literária.

Notamos que urge a renovação de metodologias de ensino e de práticas pedagógicas para o ensino da leitura e para o uso da literatura infantil em sala de aula, afinal é de suma importância que o professor, tendo em vista seu papel de mediador, fundamente seu trabalho docente com obras referendadas por teóricos renomados, com vistas a aperfeiçoar sua formação.

Referência Bibliográfica

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Ática, 1987.

BORDINI, M.G; AGUIAR, V.T. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Alberto, 1993. Série Novas Perspectivas.

BENCINI, Roberta; MINAMI, Thiago. O desafio da qualidade. **Nova Escola**. São Paulo: Editora Abril, n.196, p.40-45, out. 2006.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos?** Tradução Nelson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CHARTIER, R. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 2 ed. Brasília: Líber Livro, 2005.

FREITAS, Henrique; JANISSEK, Raquel. **Análise Léxica e Análise de Conteúdo. Técnicas complementares, sequenciais e recorrentes para exploração de dados qualitativos**. Porto Alegre: Sagra Luzatto, 2000. (a)

_____. **Análise de dados quantitativos e qualitativos. Casos aplicados usando o Sphinx**. Porto Alegre: Sagra Luzatto, 2000. (b)

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **PISA**. Disponível em: < <http://www.inep.gov.br/download/internacional/pisa/PISA2000.pdf>>. Acesso em: 24 de Abril de 2006.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **SAEB**. Disponível em: < http://www.inep.gov.br/download/saeb/2005/SAEB1995_2005.pdf>. Acesso em: 24 de Abril de 2006.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Prova Brasil**. Disponível em: < http://www.inep.gov.br/basica/saeb/prova_brasil/resultados.htm>. Acesso em: 24 de Abril de 2006.

Instituto Paulo Montenegro. **Instituto Paulo Montenegro divulga estudo inédito sobre situação do alfabetismo no Brasil**. Disponível em: http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.10.01.00.00&num=38&tp=especial&ver=por e < http://www.ipm.org.br/download/inaf_5anos_completo.pdf>. Acesso 10 de maio de 2006.

MACHADO, Ana Maria. **Como e porque ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MINAYO, M. C. S. (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 20

ed. Petrópolis: Vozes, 2002

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo**. São Paulo: Ática, 1993. 112 p.

LEITE, Ligia Chiapini de Moraes. Gramática e Literatura: Desencontros e esperanças. In : GERALDI, João Wanderley (Org.) et al. **O texto na sala de aula**. Coleção na Sala de Aula. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LIMA, Luis Carlos (org.). A literatura e leitor. *Textos da Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SCHOLZE, Lia. **Letramento e desenvolvimento nacional**. Série Documental: Textos para discussão nº 13. Brasília: Inep, 2004.

SIMÕES, V. L. B. **Histórias infantis e aquisição de leitura**. São Paulo: Perspectiva. V.14 n.1 jan/mar. 2000.

SANTOS, Caroline C. S.; SOUZA, Renata J. A Literatura Infantil na Escola. In: SOUZA, Renata Junqueira (org). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL - Difusão Cultural do Livro, 2004.

SOUZA, Renata Junqueira. Leitura e Alfabetização: A importância da poesia nesse processo. In: SOUZA, Renata Junqueira (org). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL - Difusão Cultural do Livro, 2004.

TREVIZAN, Zizi. **As malhas do texto**. São Paulo: Clíper, 1998.